

DA AUTORA DE RAPARIGA, MULHER, OUTRA
LIVRO VENCEDOR DO BOOKER PRIZE 2019



mr. loverman

*BERNARDINE
EVARISTO*

«A obra-prima de Bernardine Evaristo.» *Huffington Post*

ELSINORE

NOTA DO TRADUTOR

Mr. *Loverman* é a terceira obra de Bernardine Evaristo que traduzo para português. Nos casos anteriores, nomeadamente em *Rapariga, Mulher, Outra*, as personagens centrais são originárias do Caribe e de África, ou inglesas, mas com ascendência oriunda dessa região ou desse continente. As variações do inglês eram muitas e, para lhes fazer justiça, recorri ao crioulo guineense, mas também a expressões do discurso oral que podem ser ouvidas na periferia de Lisboa, e até uma ou outra expressão de zonas de fronteira com Espanha ou do Nordeste brasileiro.

Desta vez, as personagens centrais são antiguanas. O seu inglês é colorido sobretudo pelo crioulo caribenho. Essa unidade e a proximidade geográfica levaram à opção pelo português do Brasil. O tom é coloquial, por isso usei amiúde a estrutura frásica desta variante do português, misturando-a e confundindo-a com a nossa, tal como no original passamos num piscar de olhos do inglês convencional ao patoá. Da mesma maneira, a gíria adequava-se na perfeição às brincadeiras de linguagem e ao tom da obra.

Em correspondência com o original, há palavras formadas por sufixação; outras, encontrei-as em dicionários de português brasileiro; e algumas (poucas) são inventadas.

Comparando o original com a tradução, talvez haja mais transformação do português canônico do que sucede com o inglês, porque a dinâmica da nossa língua pede isso, e até por uma questão de verosimilhança. Não há exatamente uma regra, mas uma lógica, que é a do próprio Barrington Jedidiah Walker: «[...] eu e os meus conterrâneos gostamos de dar a nossa volta particular à língua, brincamos com artigos e preposições, rimos na cara da boa sintaxe e da boa soletração e fazemos uma mutilação pegada da gramática [...] é nossa prerrogativa *pós-moderna* e *pós-colonial*, ora!»

ÍNDICE

13

1. A Arte de Ser Casado

–

31

2. A Canção mais Doce

–

43

3. A Arte da Normalidade

–

59

4. A Arte do Almoço de Domingo

–

79

5. A Canção do Desespero

–

87

6. A Arte das Relações Humanas

–

125

7. A Arte da Metamorfose

–

157

8. A Canção a Deus

–

169

9. A Arte de Ser Homem

–

199

10. A Arte de Perder a Cabeça

–

213

11. A Canção do Desejo

–

223

12. A Arte da Família

–

247

13. A Canção da Mulher Poderosa

–

255

14. A Arte de Ser assim Chamado

–

283

15. A Arte de Deitar Mãos à Obra

–

293

16. A Arte de não Saber o Que Dizer

–

299

17. A Canção da Liberdade

–

309

18. A Arte de Viajar

–

327

Agradecimentos

–

1

A ARTE DE SER CASADO

SÁBADO, 1 DE MAIO DE 2010

O Morris está doente. Diz que deixou de beber. Isso mesmo. Nem mais uma gota de álcool até deixar esse mundo com os pés para a frente, acaba de anunciar no salão de baile, ao som do Mighty Sparrow e o seu *Barack the Magnificent*.

A última foi quando ele anunciou que agora era vegetariano, o que teve muita graça, porque esse homem tem passado a vida a devorar tudo o que é pedaço de animal, tirando o pelo e os dentes. Mas ele foi em frente. Começou a sair-se com palavras exóticas como «soja», «tofu» e «quorn», e a perguntar se *eu* ia gostar que alguém me cortasse uma perna para fazer para o jantar. Nem me dignei responder. Depois, percebi: ele tinha visto um documentário sobre galinha de aviário injetada com hormona e, daí, concluiu que ia virar mulher, ficar mamudo e isso tudo.

— Certo, Morris — disse eu. — Mas olha só: tu come frango vai para mais de 70 anos e ainda não precisou de sutiã. Como tu explica isso?

Agora, vejamos só: nem um mês depois dessa nossa conversa, passo eu um dia pelo Smokey Joe's na Kingsland High Street e quem vislumbro lá dentro, a fincar os dentes num pedaço de frango

frito e a revirar tanto os olhos nas órbitas que quase ficou a ver as costas, regalado de prazer que mais parecia estar num desses bacanais dos gregos antigos, com um Adónis moço e bonito de bandeja na mão, a dar-lhe à boca perninha de frango dourada e succulenta? A cara dele quando entrei e o apanhei com a boca na botija e a gordura a pingar do queixo. Se ri? Rebentei de riso, foi mais isso.

Pois bem, agora estávamos no salão de baile, no meio de toda aquela juventude (falando relativamente) transpirada e a pensar em sacanagem, tudo a rebolar anca que trabalhava na perfeição. Eu bem tentava fazer também aquele *hula-hoop*, mas sucede que, hoje em dia, se quero rebolar as ancas, é como abrir uma velha lata de sopa com um abre-latas ferrugento. Tento dobrar os joelhos sem fazer cara de dor e com o cuidado de não fletir demasiado, porque, se caio, já sei que não vou conseguir levantar. Simultaneamente, tento prestar atenção no que o Morris me está a gritar no ouvido.

— Dessa vez é a sério, Barry. Chega de intoxicação. Estou cada vez pior da memória, confundo a terça-feira e a quinta-feira, confundo a porta do quarto e a da casa de banho e chamo o meu mais velho pelo nome do mais novo. Faço chá e só me torno a lembrar quando já arrefeceu. E sabe que mais te digo? Vou começar a ler o teu adorador Shakespeare e vou passar a fazer as palavras-cruzadas. E vou-me inscrever no ginásio, que eles oferecem desconto para a terceira idade, e passo a fazer sauna todo dia, que é bom para a circulação, porque, entre nós dois e essas paredes que nos ouvem...

Calou-se e olhou por cima do ombro. Queria ter a certeza de que ninguém estava a ouvir a nossa conversa. Certo, Morris. Dois velho metido a besta que nem nós, a discutir os males geriátricos num salão cheio de juventude a rebolar as ancas, e eles iam querer ouvir a conversa.

— Na semana passada, descobri que tenho varizes — disse ele no meu ouvido, tão perto que cuspiu perdigotos lá para dentro e tive de enfiar o dedo para limpar.

— Morris — falei —, as varizes são porque tu é um homem idoso. Se acostuma. E isso de tu andar muito esquecido deve ser o começo da demência e tu também não pode fazer nada, exceto comer peixe mais gorduroso. Quanto a essa conversa de tu não tocar mais em álcool... — Calei-me, porque ele 'tava com olhar de cachorrinho triste. O habitual é ele ficar bravo e retaliar, parece que me vai bater com uma moça na cabeça. O Morris é um homem sensível, mas não hipersensível, senão ia parecer mais mulher do que homem — e mulher naquela altura do mês em que elas ficam com olhar de loucas e ai da gente se diz a coisa errada, ou a coisa certa, mas da maneira errada. A gente até pode dizer a coisa certa da maneira certa e, ainda assim, elas agarrarem numa faca de trinchar e virem a correr atrás de nós. — Esquece o que eu disse. Era brincadeira, só isso. — Dei um murro levinho no peito dele. — Se tu estivesse a perder o tino, eu era o primeiro a dizer. Escusa de se preocupar, meu caro. Tu continua com o mesmo juízo que sempre teve. — E resmunguei: — Que nunca foi muito.

Ele ficou a olhar para mim com aquele ar sofrido que já devia ter parado de fazer há uns 69 anos.

Concluí que já eram os sintomas de abstinência. Digo isso, mas não tenho experiência de interrupção do consumo de álcool. Não há dia em que esse néctar dos deuses não abençoe os meus lábios. A diferença entre mim e o Morris é que, na maior parte das vezes, fico por isso mesmo: molho o bico com qualquer coisa forte, depois empurro com outra mais fraquinha. Aqueço e pronto. Bebo um bom trago de rum jamaicano, depois empurro com uma cerveja da mesma procedência. E até faço isso mais para apoiar a indústria de lá, da qual depende muito bêbedo. É um ato de benevolência. Só ao sábado dou rédea solta às minhas tendências *bacanalistas*. Com o Morris, é diferente. Ele não desfruta uma bebida. A bebida desfruta ele. Fica que parece conserva em álcool. Acredita: o homem parece uma *conserva*. A taxa de álcool dele deve ser 90, juro por Deus. Tem sorte em ser do tipo que bebe e fica bonito.

Parece que ele lá resolveu ficar mais animado. Sorri. Perto de mim, ninguém fica deprimido por muito tempo. É assim mesmo. Cara amarrada, eu desamarro. Sou o *Valium* Humano.

— Nessa altura, nós somos dois veteranos — explico. — Temos de se adaptar. Mais: temos de acreditar que os nossos melhores anos estão para vir e não que já passaram. Estamos num comboio veloz e sem paragem a caminho do fim e a única maneira de lidar com isso é manter a positividade. Essa é a era do positivismo, certo? Tu já sabe o que se diz: o copo está meio cheio ou meio vazio. Eu digo que a gente deve escolher o meio cheio. Combinado, chefe?

Estendo a mão para um aperto, mas ele percebeu mal, e, armado em adolescente, tenta o aperto de mão daquela gente do *hip-hop*: bater os punhos e enganchar os dedos. Fazemos tudo mal e alguém que tenha olhado de certeza ficou a achar nós dois um par de velho ridículo a tentar ser moderno e com estilo.

Morris, meu querido Morris, o que vou eu fazer contigo? Tu sempre foi um lutador guerreiro. E tu sabe que eu te digo sempre: «Desabafa, conta para mim, não guarda para dentro.»

Olha para ti, com o mesmo corpo de peso meio-médio de quando tu fazias a tua famosa dança de volta do adversário no ringue de boxe. Tu era tão lesto dos pés que foi campeão juvenil de Antígua em 1951. Tu continua possante como nesse tempo e um par de varizes não faz diferença nenhuma. Tu é o mesmo que conheci nesse tempo. Teus braços mantêm uma musculatura *impressionante*. Teu estômago ainda é mais côncavo do que convexo. E tu ainda mal tem rugas, tirando no pescoço, o que pouca diferença faz, porque mais ninguém vai ver, só eu.

Mas, Morris, uma coisa eu sei com toda a certeza sobre ti: esse teu coração e essa tua cabeça sempre gostaram de viajar por alto-mar nessa caravela chamada Bebedeira. E tenho a mesma certeza de que não é nessa fase da tua vida que tu vai saltar do barco e pisar a terra firme e seca da ilha deserta chamada Sobriedade para passar lá o fim dos teus dias sozinho e abandonado.

Não tenho dúvida nenhuma do que digo porque eu, o excelentíssimo Barrington Jedidiah Walker, te conheço, *monsieur* Morris Courtney de La Roux, desde que éramos dois reguilas de cara lisa e voz de cana rachada porque os tintins ainda não tinham descido.

Mas não sou eu quem se vai queixar, porque, enquanto o Morris vai esplanando o seu plano de melhorar a sua pessoa, leva-me a casa no seu *Ford Fiesta*, porque acabei por beber feito esponja e não estou capaz de agarrar no volante e andar às voltas por estrada e estradinha da Londres Leste. Ainda acabava na esquadra. Mas aí está uma coisa de que sinto muita saudade: beber, depois andar por aí de carro sem medo de a lei me cair em cima, como toda a gente fazia nos anos 60 e 70. Não havia trezentas câmaras de vigilância escondidas por Londres, de olho em nós pela calada como ciclopes enquanto andávamos por aí a tratar da nossa vida. Hoje em dia, ponho o pé fora de minha casa e já estou a ser *vigiado*. O Grande Irmão entrou na vida da gente e nenhum de nós se manifesta contra. Nem burrié eu posso tirar do nariz sem que fique gravado para a posteridade.

Chegamos a Stoke Newington e o Morris para no número 100 da Cazenove Road. Fica ali até eu entrar em casa, não vá eu enganar-me no portão ou acabar caído na valeta. Só então engata a primeira, arranca sem ruído e levanta a mão num último aceno.

Devia entrar, isso, sim, para um chocolate quente com piri-piri e o aconchego dos braços desse velho aqui.

Mas não vai acontecer e me sinto desanimar, porque já só me resta encarar a fera.

É essa a minha história com o Morris.

Olá e adeus, sempre.

Avanço em bicos de pés, mas a gravilha faz um barulho desgraçado e a Carmel tem ouvidos de morcego. Estou na Zona de Perigo. Rodo a chave, abro a porta e fico de orelha arrebitada. No antigamente, a Carmel chegou a trancar a porta e então eu pulava para o pátio,

abria o barracão, sentava no cortador de relva e ficava à espera do raiar do sol e da ira dela. Até ao dia em que deitei a porta das traseiras abaixo a pontapé, para ela perceber que o rei do castelo nunca mais ia ficar na rua.

Já na segurança do lar, tiro o casaco e faço o meu lançamento habitual para o pendurar no cabide do lado esquerdo da porta. Mas cai no chão. Alguém desviou esse cabide. Tento outra vez. Cai nos degraus. Faço a terceira tentativa. Em cheio no fundo da baliza! É isso daí, que é para tu aprender! Tu é o maior, Barry! Aclamado pela multidão, dou mais cinco à minha pessoa e ali estou eu no espelho da entrada, o «bem-aprumado», como as madames inglesas arrulhavam para mim na minha juventude. Estou a falar daquelas com boas maneiras, porque depois havia as vadias sem vergonha na cara que lançavam epíteto bem menos elogioso a um homem que não estava a fazer mais do que seguir inocentemente pela rua metido com a sua vida. Ora, deixa para lá. São tempos que já passaram. Há pelo menos 20 anos que ninguém me chama nomes. Só a esposa.

Ainda sou o mesmo *playboy* caribenho. Ainda cá estou, graças a Deus — bem vestido, bem cuidado e inegavelmente macho. Continuo com o mesmo metro e oitenta, sem sinal de começar a mirrar. Não perdi aquele meu certo *je-ne-sais-qualquer-coisa*. O meu cabelo já foi, mas ainda tenho o bigode, que continuo a usar aparado como os antigos galãs de Hollywood. Em novo, diziam que eu era igual ao Sidney Poitier. Agora, dizem que sou que nem o Denzel Washington, apenas (muito ligeiramente) mais velho. E eu vou negar? Factos são factos. A gente tem ou não tem. E, Barry, tu tem para dar e vender...

O covil da fera fica no cimo da escada, que eu subo cheio de ansiedade. Há 50 anos que me sinto um gatuno na minha própria casa.

A porta do quarto está entreaberta.

Entro de lado sem lhe tocar e avanço pé ante pé.

No escuro, começo por tirar o travessão de ouro que pus na minha gravata de listras azuis, a única coisa decente que recebi quando me aposentei da fábrica da Ford em Dagenham. Quarenta anos a dar no duro onde de facto se trabalha naquele lugar e foi ao que tive direito: uma gravata, uma droga de placa gravada, um relógio mais *Timex* do que *Rolex*, e, do diretor-geral, o Senhor Cara de Touxinho que Puxa o Cabelo de Lado Para Tapar a Careca, um aperto de mão peganhento acompanhado de um discurso paternalístico feito na cantina do pessoal.

— É com muita tristeza, Mr. Walker, que nos despedimos de um colaborador tão dedicado durante tantas décadas. A sua presença continuada na área de produção desta fábrica fê-lo muito estimado pelos seus colegas. Sei que é um eterno bem-disposto, um anedotista, um *raconteur*. — Parou um momento a olhar para mim, como se na dúvida quanto a eu entender palavras de cinco sílabas ou de origem francesa, depois esclareceu: — Ou seja, alguém amigo de entreter os outros com episódios cómicos.

Meu Jesus Cristo, nem tenho palavras para descrever a minha fúria sempre que alguém me fala de cima, como se eu fosse um idiota sem instrução que não percebe as minudências da língua de Sua Majestade. Como se eu não tivesse estudado na Escola Secundária de Antígua, a melhor do país. Como se cada um dos meus professores não tivesse vindo da nave-mãe colonial. Como se eu fosse uma cópia malfeita de um inglês, incapaz de falar esse nobre idioma com o mesmo acerto de um inglês legítimo vindo de lá, isto é, *de cá*. Só porque eu e os meus conterrâneos gostamos de dar a nossa volta particular à língua, brincamos com artigos e preposições, rimos na cara da boa sintaxe e da boa soletração e fazemos uma mutilação pegada da gramática se *nos apetece*? Tudo isso é nossa prerrogativa *pós-moderna* e *pós-colonial*, ora!

Para quem não saiba, quando aqui cheguei, a bordo do navio *Imigrante*, trazia comigo um portefólio de diplomas e certificados e só não fui tirar um curso porque a minha nota não chegou para

conseguir a única bolsa do governo para ingressar numa universidade inglesa. E desde 1971 que estudo à noite para cobrir essa lacuna.

Sociologia, Psicologia, Arqueologia e o mais que termine em «logia» — se há, eu fiz. Idem para Literatura Inglesa e Francês (*naturellement*), e nem me façam falar nesse excelentíssimo cavaleiro de seu nome Shakespeare, com cuja *distinta pessoa* mantenho um mui satisfatório relacionamento *cerebral*, por quem sois. Também sou versado em Artologia: Miró, Monet, Manet, Man Ray, Matisse, Miguel Ângelo, Murillo, Modigliani, Morandi, Munch, Moore e Mondrian, e fiquemos por aqui, senão corro o alfabeto. Cheguei a arrastar o Morris para ver a controversa exposição «Sensation» na Royal Academy em 1997, onde apreciámos a cama em que a Emin deitou com meio mundo, o quadro cagado de bosta de elefante do Ofili, o tubarão em formol do Hirst ou a cabeça de sangue do Quinn. O Morris apoucou, disse: «Eu fazia melhor do que isso.» E eu respondi: «Admito que a ideia vale mais do que a execução, Morris, mas a arte ia ser muito chata se os artistas tivessem ficado eternamente a pintar homem musculado de nádega rija que nem rocha, lábios carnudos e miudeza ao léu a baloiçar, como faziam no Renascimento.»

Pensando bem, nem ia ser essa chatice toda...

E quer saber qual foi a última palavra do Morris sobre o assunto? «Então, espera aí enquanto eu vou mijar num balde, depois digo que é arte com maiúscula.»

O problema do Morris é não gostar de aprofundar as coisas. Não é questão de incapacidade, aliás, aquele homem é mais inteligente do que a maioria. Chegou a conseguir uma bolsa de estudo para cursar Matemática na Universidade de Hull, mas, quando lá chegou, não gostou do frio, nem da comida, nem do curso, por isso não estudava. No final do segundo ano, foi convidado a sair e já não quis regressar a Antígua. Sortudo que é, arranjou trabalho como guarda-livros de um armazenista de tecido em Stratford,

o que foi bem bom, porque pessoas como nós não costumavam conseguir trabalho assim. O patrão dele era o Mr. Szapiro, um judeu polaco que tinha fugido do Gueto de Varsóvia. O Morris gostava do patrão, mas achava aquele trabalho um enfatiamento só. O certo é que ficou lá 43 anos.

Enquanto isso, eu tratava de me intelectualizar. Esse modesto mecânico de montagem de máquinas e equipamentos é capaz de se medir com os melhores em discorrências sobre todos esses que gostavam de ficar na poltrona a cofiar as barbas e a filosofar. Sei que Sócrates era da convicção de que nos devemos conhecer, questionar tudo e romper os limites das nossas crenças. Quanto a Platão, dizia que a pessoa moral é aquela que sabe o que é certo e que aplica esse conhecimento. A dada altura, percebi que temos de ter cuidado e não passar demasiado tempo com esses sábios da Grécia Antiga, senão acabamos por ficar com a cabeça na estratosfera. Eles eram uma gente tão mentalista que podem muito bem dar com a gente em doido. Por isso, deixei a aula de Filosofia na Faculdade de Birkbeck e voltei a uma sabedoria mais antiga ainda, testada e comprovada: a caseira.

Só tenho pena de não ter dito ao Cabelo Puxado de Lado a Tapar a Careca que podia ter largado o trabalho na fábrica décadas antes. Desde os anos 60 que investia no imobiliário: comprava barato, remodelava, depois punha com a Solomon & Rogers para eles arrendarem. Continuei a picar o ponto na fábrica simplesmente porque gostava daquele trabalho e gostava de usar as mãos. Um homem deve ter as mãos ocupadas, certo? Além de que teria tido muita saudade dos meus colegas de lá: o Rakesh, o Tommy, o Alonso, o Tolu, o Chong, o Arthur e o Omar. Nós até dizia que éramos as Nações Unidas da Ford.

Deixo o travessão da gravata numa taça que tenho na mesa de cabeceira. É de pé alto, com arabesco a imitar peónia e cego-nha azul – ao estilo da porcelana da Dinastia Ming, se não estou errado. Facilmente será reconhecida por qualquer frequentador

do Museu Victoria & Albert, que visitei muita vez, sempre com o Morris levado à força. A única diferença entre a minha taça e a original é que a minha foi comprada pela Carmel num Woolworths em 1987. Nem uma libra custou, mas *nem Deus* vai poder me ajudar se eu algum dia partir essa taça, a mesma onde dantes costumava ter aquelas pastilhas de limão que causam uma explosão de sabor na nossa boca, até que achei melhor ter mais cuidado, senão ia estragar os meus dentes brancos como marfim. Mas talvez não houvesse motivo para me preocupar, porque eles aqui continuam, indestrutíveis e capazes de encandear qualquer um. Devo ser o único homem de 74 anos nessa terra que conserva a dentição intacta — nem uma única extração, coroa, capa ou postição.

Desmancho o nó da gravata, que penduro no puxador do roupeiro nas minhas costas, o que me faz rodar o torso com mais brusquidão do que devia. Sinto um esticão na anca e paro. Rodo devagar para a posição normal e realinho os músculos para ficar com tudo — cabeça, ombros e ancas — voltado na mesma direção. Tem de ter muito cuidado. Na minha idade, a gente vai alongar e pode quebrar sem querer.

Tiro os botões de punho da minha camisa branca impecavelmente engomada e deixo eles na taça, que parece uma boca aberta. Desabotoo a camisa e puxo a fralda, que meti para dentro da minha calça larga verde-cinza. A camisa tem um plissado e punho na pressilha, e fica tudo cheio de cinza de charuto de cada vez que a visto para sair à noite. Um dia desses tenho de ir pedir ao Levinsky que me faça um fato novo. Não conheço mais nenhum alfaiate que saiba fazer um fato ao verdadeiro estilo dos anos 50 sem cobrar uma fortuna. Vale bem o caminho até Golders Green.

Sacudo os braços para me libertar da camisa, que amarfanho e atiro para o canto junto da janela, para a Carmel depois lavar.

Pousa como... um exalamento.

Ena, agora falei *bonito*. Tu me ouve, Derek Walcott, aí em Santa Lúcia? Pouco me importa que eles te tenham dado o Prémio Nobel

da poesia. Põe-te a pau, porque Barrington Walker se prepara para te ultrapassar na linguística, caríssimo.

Bem me esforcei, mas não serviu de nada: a respiração profunda da Carmel vem à tona e ela enche os pulmões como quem se ia afogar, mas no fim consegue emergir e remar com os braços.

Ó in-fe-li-ci-da-de.

A esposa volta-se e acende o candeeiro de abajur florido. Ouço aquele clique e é que nem o engatilhar de uma pistola. A pele descaída no sovaco dela tremelica.

E pronto, vai começar a ralhação.

— Já amanheceu, Barrington.

Até usou o meu nome na versão de três sílabas...

— O tempo passa e a gente nem dá conta, querida, sabe como é. Não foi uma pergunta. Foi uma afirmação.

— Ah sim?

Não foi uma pergunta. Foi uma ameaça.

— Dorme mais um pouco, querida.

Não foi sugestão carinhosa. Foi pura persuasão.

— Vou ter muito tempo para dormir quando Deus me chamar e sinto que não falta muito para isso acontecer.

Chantagem emocional, pura e simples.

— Só posso dizer que espero que ele me leve primeiro, querida. Mentira, pura e simples.

— A menos que aquele outro sujeito, o dos chifres e da forquilha, te agarre primeiro.

Tento concentrar-me na tarefa que ainda tenho em mãos, mas olho de fugida para a Carmel e vejo que a criatura se prepara para invadir a Polónia.

Tiro os três anéis e deixo cair na taça. Um deles é uma beleza com um rubi que parece um dedal de sangue despejado numa forma oval de ouro. Dei de presente a mim mesmo quando o primeiro imóvel que arrendei deu lucro. O outro, que parece um pneu de ouro, foi oferecido por aquele trolha alemão que conheci em 1977.

Era da pesada, ele, andava com uma soqueira e tudo. O meu favorito é o terceiro: uma serpente enrolada no nosso dedo, com escamas de diamante e duas safiras reluzentes no lugar dos olhos, de cabeça erguida para trincar a maçã.

Ainda tem a aliança, mas essa, só ia conseguir tirar do dedo com um alicate.

E quantas vezes já me impedi de o ir comprar.

— Entretanto, tu traz mais uma vez esse fedor de charuto para o meu quarto.

— Desculpa.

— E esse *pivete* a rum.

— Desculpa.

— Quando tu vai ganhar decência?

— Desculpa.

— Tu podia ter ligado a avisar, pelo menos.

— Eu sei, eu... peço... desculpa.

— Há anos que digo a ti para comprar um telemóvel.

E eu lá sou doido? Comprava um telemóvel e essa velha passava a saber onde estou a qualquer hora do dia ou da noite.

A Carmel começou a jogar esse jogo há muito tempo. Já aconteceu ela fazer uma pausa de alguns meses ou mesmo alguns anos, como na década de 1980, numa fase em que andou satisfeita da vida. Gostava do trabalho, passou a cuidar da aparência e começou a socializar com as colegas. Nessa altura, houve uma *détente* entre nós. Depois, sem explicação, deu-lhe para as fúrias, quando tudo o que eu quero é cair na cama e dormir.

Ela acredita que tem um marido mulherengo. Na imaginação da Carmel, eu saio por aí a deitar semente em tudo o que chame Hyacinth, Meredith e Daffodil. Não sei em que provas se baseia ela. Trago cheiro a perfume desconhecido? O meu colarinho 'tá sujo de batom? Já descobriu cueca de mulher no bolso do meu casaco?

Falo a absoluta verdade quando digo à minha mulher: «Querida, nunca deitei com outra.»

Ela escolhe não acreditar.

Tem aqueles olhões grandes quase a saltar das órbitas. Não tome cautela e, um dia desses, arranco sem ela estar à espera e levo comigo para jogar pingue-pongue.

A Carmel devia dar graças a Deus. Devia perceber que lhe cahou em sorte um homem dos que presta. Um homem que, em 50 anos, nunca deixou de vir dormir a casa e na mesma cama que ela. Certo, por vezes, aparece de manhã, se não for à tarde, e já aconteceu estar um dia ou dois sem dar um ar da sua graça...

— Tudo bem, querida. Se tu quer, eu compro um telemóvel.

A minha cara diz: *Cuidado, não viola o nosso Pacto de Não Agressão, querida.*

Tiro o cinto. A fivela de bronze é uma cabeça de búfalo que separa em dois.

Chegámos ao grande momento em que vou tirar as calças. Essa noite, será a primeira vez. (*Ó in-fe-li-ci-da-de.*)

Tenho de descalçar as meias, mas não quero dobrar pela cintura, porque posso vomitar no tapete de pelo comprido que parece um bicho na época da muda. É onde a Carmel ajoelha para rezar, o que ela faz de manhã, à tarde e à noite, fora quando está a dormir e começa a rezar alto. Comprou-o faz 30 anos, mas ai de mim se o sujo, porque ela puxa da espingarda que guarda com o resto do arsenal *metafórico* e mete-me uma chumbada que voo janela fora.

Em pé, cruzo a perna, e, bambo que nem asceta hindu destreinado do ioga (e a Carmel está a fazer força mental para eu cair, que eu sinto), lá consigo tirar as meias.

Chegámos a um impasse.

Ela é a esfinge que guarda a entrada de Tebas: cabeça de mulher, corpo de leoa, asas de águia, memória de elefanta e mordida de crocodilo de água salgada — uma pressão de 1500 toneladas por metro quadrado a postos para me arrancar a cabeça de uma só dentada.

Para ter direito a meter-me debaixo das mantas, tenho de decifrar o enigma que ela nem coloca, porque acha que já tem a resposta.

Vejo o maldito papel de parede de que ela tanto gosta. Tem um *tema*: flor de cor viva, vegetação da selva e animais tropicais. Tudo aquilo começa a ficar inclinado e a sair do lugar e preparo-me para a manada de elefantes que me vai esmagar.

Estou tão cansado que acho que conseguia dormir de pé, de camisola interior de rede e cueca branca.

Dou-me conta de que continuo de chapéu na cabeça. Tiro e faço uma vénia cheia de salamaleque, que nem cavalheiro do século XVIII apresentado na corte. Logo quando a gente casou, teria bastado isso para a esposa rir muito e me perdoar.

Ela dantes dizia que eu era o homem mais engraçado que havia no mundo.

Hoje em dia, o coração dela é tão frio que a gente podia separar um pedaço e usar para cortar diamante.

Quando foi a última vez que eu fiz essa mulher rir? Em que *década* aconteceu? Foi nesse *século*? Nesse *milénio*?

Ela olha para mim como se eu fosse um completo imbecil.

Faço o quê? Avanço para a cama e arrisco a ira da sua fúria dentada? Durmo aqui mesmo, no chão? Vou dormir noutra quarto? Ponho o meu pijama de seda com monograma e vou dormir lá em baixo? É um pijama de luxo, tenho de lavar à mão, senão ela estraga, como fez com um robe de caxemira que eu tinha comprado não faz muito tempo. Era de uma lã tão fina e macia que só podia ser a lã de ouro do carneiro alado. Pois bem, passado menos de um mês, a senhora dona esposa lavou ele na máquina e fez encolher três tamanhos.

Não sei que diabo ela quer que eu faça, cansado desse jeito e tão danado de bêbedo que só estou capaz de dormir, mais nada.

A Carmel rebola-se para fora da cama. A camisa de noite de *nylon* azul com folho no decote cola-se ao corpo dela com cada movimento. (*Ó in-fe-li-ci-da-de.*)

Calça as pantufas laranja com os pompons na ponta e vem parar frente a frente comigo.

— Hoje fiquei a saber que o meu painho teve a segunda apoplexia e está no hospital. E então fiquei a pensar que nunca devia ter permitido que tu me pusesse contra ele.

Quêêêê? Fiz isso *unicamente* na altura em que a gente casou. No resto do tempo, foi ela. Faz 30 anos que suplico à Carmel que visite o pai e fique lá com ele um *bom tempo*.

— E tu fala uma coisa para mim: por acaso esse é o homem que bateu tanta vez a murro na tua mãe que lá no hospital já tinham uma cama reservada para ela?

Claramente, não é só o Morris que começa a mostrar os primeiros sinais de demência. Desde que conheço a Carmel que ela não diz «pai» sem juntar «malvado». Da mesma maneira que não diz «marido» sem juntar «safado». A esposa é uma revisionista, como aquela gente que nega o Holocausto.

— Isso foi há muito tempo. Tenho a certeza de que a minha mãe perdoou ele, agora que está lá no alto com Deus. Senão eles não deixavam ela... entrar no Céu.

É o que eu digo: *demência*.

— Ele tem quase 100 anos e faz quase 30 que não o visito. E sei que ele tem perguntado pela menina dele.

De uma coisa não há dúvida: se aquele malvado morrer agora, não lhe faltou viver.

Era um homem grande e imponente, mas, logo que fui trabalhar para ele, percebi que afinal era pequeno e mesquinho. Bateu tanto na mãe da Carmel que acho que não ficou um osso por partir. Eu implorei a ela que largasse aquele selvagem. Sabe qual foi a resposta? «Barry, isso não é assunto teu.»

Havia muitas mulheres assim. Levavam e levavam, mas diziam e sentiam que era seu dever aguentar. E quando alguma se atrevia a fazer queixa na polícia, eles diziam para elas voltarem para o lado do marido.

O segundo marido da mãe da minha mãe feriu tanto ela com uma podadeira de árvore que ela teve de ser operada no Hospital

Holberton e nunca mais andou. Morreu toda ferida por dentro antes de eu nascer. A minha mãe não se cansava de me repetir: «Filho, trata bem as mulheres, ouviu?» E eu faço isso desde sempre. Nunca encostei um dedo na minha mulher e fiquei para criar as minhas filhas. Nem morto eu ia vagar espaço na cama da esposa para ela deitar lá um qualquer vindo dos quintos. Um padrasto a dormir debaixo do mesmo teto que a Donna e a Maxine?

Nem pensar. Quis as minhas meninas protegidas.

Indo ao importante, o melhor que a Carmel faz é viajar bem depressa para Saint John's, para tomar posse daquela casa grande onde cresceu antes que cheguem os outros todos para contestar o testamento e mudar a fechadura. O pai dela passou 80 anos a deitar semente em todo o lado.

Ela continua parada na minha frente, com aquele hálito de quem acabou de acordar.

— Tu escuta bem o que eu te vou dizer, Barrington. Nessa segunda-feira, apanho o avião para ir ver o meu pai, e, quando eu voltar, as coisas vão mudar por aqui. Não vou mais tolerar que tu ande por aí a se meter com tudo quanto é vaca vadia.

Olho ela como quem avisa, mas a esposa nem pestaneja.

Tu me deixa da mão, mulher. Estou farto que já não aguento de ser obrigado a ver essa tua cara infeliz depois de uma noite bem passada.

— Tu deixa eu dizer uma coisa a ti, Carmel. Eu não conheço mais vaca nenhuma tirando aquela que me azucrina sem piedade quando eu não mere... — Não chego a terminar, porque ela me dá um bofetão com tanta força que de certeza partiu osso.

Meu Jesus Cristo, agora vai ser assim? Vai começar essa história *outra vez*?

— Deus vai-te condenar — diz ela e passa por mim sem olhar mais para a minha cara. Rodo nos calcanhares, porque agora lembrei dos boiões que ela tem no toucador. São pesados e acabam de ficar ao alcance das patorras da esposa. — Tu e essa tua *safadeza*

– rosna ela. Tira do gancho da porta o robe de turco amarelo, embrulha-se nele e deixa o quarto com ar decidido.

Saio atrás dela e tenho de conter uma vontade tremenda de lhe dar com o pé nos *cascos*, para ela descer mais depressa os vinte e três degraus muito inclinados.

Calma, Barry. Tu é melhor pessoa do que isso.

Abro a boca para dizer umas coisas para ela, mas parece que vem aí um arranco. Vou vomitar 50 anos de mentira, desencanto e autodestruição, tudo de jorro escada abaixo, uma golfada direta às costas dela.

Uma caldeirada de bÍlis.

Um banquete de vomitado.

Um montão de merda.

Carmel... Carmel, *querida*, sabe que mais? Sabe que digo eu a ti? Tu tem razão. Isso, tu tem toda a razão. Eu 'tou mais que pronto. Tu não te consome mais, que eu tenho o caminho traçado para o Inferno faz muito tempo. Maldito seja eu no dia em que escolhi fazer esse maldito casamento dos infernos contigo, em vez de fazer o que mandava esse meu coração que ama o meu Morris, ama ele com todo o carinho, toda a força, todo o fogo, bate furioso por ele, pulsa, quase rebenta de não conseguir conter, domar, travar esse amor por outro homem, isso diz o meu *coração*.

2 A CANÇÃO MAIS DOCE

1960

...ficaste cá fora, Carmel, no banco de balouço branco que o teu pai tem na varanda coberta, parece coisa de Hollywood

embalas-te enquanto os outros dormem depois de muito comer e beber na boda

houve ensopado caribenho e caramujo frito, guisado de tamarindos com cogumelos, tarte de papaia, ducanas, bolinhos de coco que estavam uma delícia e guardanapos de manteiga

os corpos estão pesados do banquete, mas a mente embebida em rum voa livre noite adentro

a família foi instalada nos dois quartos das visitas, vieram as tias Eudora, Beth, Mary e Ivy, os tios Aldwyn e Alvin, esposos e primos — a Augusta, o Obediah, o Trevor, a Adelaide, o Neville e a Barbara, que viajou do interior para estar presente no teu dia especial

do estrangeiro — Brooklyn, Toronto, Londres —, não veio ninguém, por ser muito caro

a mãeinha e o pai estão cada um em seu quarto, este e oeste, e assim a mãeinha não ouve

a criada Loreene a fornicar com o teu pai, de madrugada sairá de fininho para a sua cabana, onde devia estar a dormir, depois

regressará para preparar o pequeno-almoço para todos, a fingir-se muito pura e inocente, em lugar da devoradora de homens destruidora de casamentos que é

a tua vontade era dar-lhe uma tarefa — e outra ao teu pai enches os pulmões com o perfume da sebe de madressilvas por baixo da varanda, com sorte a fragrância subir-te-á à cabeça e far-te-á dormir

e acordarás a cheirar as campainhas-amarelas junto da janela do teu quarto

mal dormiste nas últimas 48 horas e não paras de pensar no que aconteceu nas últimas 12

uma certa Miss Carmelita Miller subiu ao altar aflita com medo de tropeçar no vestido branco-marfim com contas, depois, a caminho da saída, já era a Mrs. Barrington Walker

uma mulher adulta e sofisticada pelo braço do consorte, que é um homem bonito, o que te apetecia mesmo era fazer rodas até aos degraus da igreja, onde quase dançaste de felicidade quando choveram *autênticos* confetes brancos e cor-de-rosa, graças a Deus não houve aquela imundície ridícula do arroz

agora és uma mulher de verdade, Carmel

ah pois, és uma senhora unida em sagrado matrimónio, não separe o homem o que Deus uniu, assim manda o Senhor, louvado seja, amém, e tens a aliança que não te deixa mentir, é de ouro e à medida do teu dedo delicado e feminino, que bem te vai saber mostrá-la a toda a gente, para todos saberem que tens marido

que te quiseram

que não vais ser uma solteirona

quando não faltam por aqui mulheres sem marido

só com filhos.

o teu *marido* — que está a dormir pela primeira vez no teu quarto de menina, com as pernas fora da cama, porque é alto e homem de ocupar o seu espaço

o teu marido — que bebeu tanto ponche de rum que não se aguentava de pé para dançar, e atenção: não há homem em Saint John's que dance tão bem como ele, tal como não há outra que dance como tu

mas não faz mal, porque o Barry te faz rir mais ainda quando se embebedava, calhou-te a sorte grande

sempre foi a mãeinha a fazer-te as tranças e nem uma vez te sentaste entre os seus joelhos sem que ela começasse com a eterna ladainha

quando for altura, Carmel, arranja um homem que goste de quem tu é por dentro. Teu pai escolheu-me porque eu era bonita, mas isso não dura sempre

vincava estas palavras com um puxão nos cabelos que te fazia gritar, depois pressionava os nós dos dedos no teu couro cabeludo, queria literalmente meter-te na cabeça o que estava a dizer

logo que minha beleza começou a murchar, já ele andava solto no jardim a colher flor acabada de desabrochar

mãinha, disseste, quando finalmente foi altura e tu e o Barry estavam noivos para casar

não se apoquentas mais comigo, o Barry é um ser humano maravilhoso, faz-me rir mais do que qualquer outra pessoa no mundo e acha que eu sou a rapariga mais bonita da ilha inteira. Tu não vês como a gente se dá bem? Isso chama compatibilidade, mãeinha. É o fundamental no casamento

depois desse dia, ela parou com a ladainha, limitava-se a entrar-te o cabelo qual pele-vermelha a escalpar-te

agora que casaste, já ninguém te pode tratar como se fosses criança, incluindo o teu pai, que cedeu ao teu marido quaisquer direitos sobre a tua pessoa

e tu vais ser boa esposa, merecedora do teu marido, não é assim, Carmel? e queres estar preparada, por isso até andas a ler outra vez o manual de Economia Doméstica, que tiveste na escola

quando o teu marido chegar do trabalho, o lar será o teu refúgio, onde encontrará conforto e descanso

não esqueças: *retoca a maquilhagem e enfeita os cabelos com um laço*, e tem o jantar à espera dele no forno

se ele se atrasar e o jantar ficar queimado, tu *não vais* começar com recriminações e ameaças, como outras por aí, mulheres sem categoria de quem todas falam mal, mulheres que não conseguem segurar um homem e acabam umas bruxas velhas e sozinhas

tu não serás assim, usarás uma *voz suave e carinhosa* para perguntar ao teu marido como correu o dia, e, com um sorriso de agrado, ouvirás as novidades e as queixas dele

não deitarás a tua sorte a perder, como fez a mãeinha, que devia ter sabido ficar de boca calada em vez de responder torto ao marido, não que o ilibes de culpa por tudo o que ele fez de mal, e é bem verdade que tens pena da tua mãe, mas ela testaria a paciência de um santo, como o teu pai não se cansa de lhe dizer

tu, não, logo cedo traçaste o teu plano para arranjar homem, e, mal o Barry foi trabalhar para o teu pai, ficaste em êxtase, começaste a lançar-lhe os olhares que tinhas ensaiado mil vezes ao espelho, à espera de que aparecesse o moço certo, depois, mal ele te via, fazias um sorriso enigmático e viravas costas

resultou

ele começou a levar-te à escola, esperava-te no começo do caminho que subia até à tua casa, sempre com as calças de fazenda vincadas na perfeição, como o uniforme de um soldado; sempre elegante na sua camisa branca impecavelmente engomada; sempre com a barba feita; sempre a meter-se contigo

Carmel, podias ser a moça mais bonita e maravilhosa desse mundo, só é pena essa borbulha gigante quase roxa que tu tem na ponta do nariz, mais esses olhos de camelo tão tortos que um só vê o outro

ou então agarrava na tua pasta e via-la descrever um arco em câmara lenta, mergulhar na tremulina e cair por entre os tomateiros e os pepineiros molhados da humidade, e tinhas de correr para te reapoderares da pasta, senão ele tornava a fazê-la voar, ou então apanhava um pau e imitava o andar do Charlie Chaplin, mas ainda

mais exagerado, ele é oito anos mais velho do que tu, mas parecia um menino da escola a fazer palhaçadas

até houve aquela ocasião em que te irritaste com os disparates dele, nada daquilo correspondia à tua ideia de um namoro romântico, por isso ergueste a cabeça com altivez e gritaste, *Vai brincar no jardim-escola, rapazinho*

ele parou com a brincadeira e ficou quieto na margem da estrada, de cabeça inclinada como quem faz uma pergunta, muito sério, sem dizer uma palavra

passou o velho Pomeroy na sua carroça, levava os trabalhadores, todos de chapéu de palha, e um carregamento de abacaxi preto

passou a Andrina na sua bicicleta preta, levava a filha pequena sentada no guiador e um cesto de inhames à cabeça

passou o doutor Carter, ao volante do seu *Chevrolet* agónico, trepidava tanto e fazia tanto barulho que já alguém devia ter chamado o padre para lhe dar a extrema-unção

ouviste ao longe o trator que tinha vindo do estrangeiro, depois, nas tuas costas, a miudagem a caminho da escola

os campos tinham sido adubados e as moscas não paravam, uma pousou na tua cara, mas nem a enxotaste, não tiravas os olhos do Barry, que te observava

imóvel, tinha as sandálias empoeiradas, e as manchas de transpiração debaixo dos braços iam ficando maiores, a manhã começava a aquecer e o Sol brilhava-lhe na pele, e então falou num tom que nunca lhe tinhas ouvido, *Carmel*, disse, depois fungou e franziu os lábios, parecia que fedias como o estrume nos campos

Carmel... eu sei que tu não queres ser uma rabugenta

os teus olhos encheram-se de lágrimas, tentaste contê-las, mas não conseguiste

ele aproximou-se, fez um ar contrito, e, com toques de mansinho nas tuas costas, encaminhou-te para o afloramento de rochas do outro lado da estrada, sentaste-te e ficaram de braços a roçar,

sentias o calor do seu corpo, e, de novo na brincadeira, ele deu-te um murro fingido no braço

Eu sei que aí no fundo és um doce de rapariga. Sabes porquê, Carmel? Porque sou um arqueólogo do feito humano. E aqui declaro que te vou ajudar a trazer ao de cima essa tua docilidade

Doce de rapariga, passou a chamar-te, e, agora que sabias que, no fundo, eras uma rapariga doce, já não podias ser impertinente com ele, tinhas de ser sempre dócil, senão ele ficava desapontado

isso, baloiça mais veloz e mais alto, porque agora que situação é a tua, doce de rapariga?

caçaste um homem especial e essa é que é essa

não há, em toda a ilha, outro tão bem-parecido ou cativante como o teu marido, isso podes jurar, além de que é inteligente, como tu já foste

no Liceu Feminino de Antígua, eras a melhor da turma a Latim e Francês, a segunda melhor a Inglês e História, a quarta melhor em Antiguidade Clássica e a quinta melhor em Grego Antigo, até que conhecestes o Barry e resolveste que ele sabia que chegasse pelos dois

toda a gente sabe que uma mulher não pode ser inteligente demais, senão nenhum homem vai querer ela

paraste de estudar e a mãe andou que tempos praticamente sem te dirigir a palavra

o teu pai não ligou, só quer saber das duas mercearias, no começo e no fim da rua principal, eram da família do pai, os Millers de Antígua

no corredor, os seus retratos em tamanho grande revestem os painéis de madeira; cá fora, sentada no baloiço, sentes os seus olhares cravados nas tuas costas, parecem estrangulados pelos colarinhos apertados até acima, eles, de risco ao meio feito a bem ou a mal no cabelo crespo, também aplicaram pomada nos bigodes para os moldar e revirar as pontas, elas, de peito farto metido à força num sutiã e de cintura asfixiada pelo espartilho

Natural da ilha de Antígua, Barrington Jedidiah Walker emigrou para o Reino Unido nos anos 1960, onde prosperou financeiramente. Bem cuidado e bem vestido, com citações de Shakespeare na ponta da língua e um observador astuto da condição humana, Barry é um *gentleman* das Caraíbas que aprecia uma boa pândega. É casado há 50 anos com Carmel, tem duas filhas e um neto — e mantém, em segredo, uma relação amorosa com Morris de la Roux, seu companheiro e amigo desde os tempos de juventude. Aos 74 anos, enfrenta uma crise existencial, constatando ter chegado o momento de assumir a sua homossexualidade e pedir o divórcio. Porém, após uma vida de medos, perseguições e mentiras, a coragem fraqueja dia após dia e a sua última oportunidade para ser feliz parece fugir-lhe das mãos...

Mr. Loverman é um romance cheio de ritmo, humor e subversão, no qual a vencedora do Booker Prize, Bernardine Evaristo, lança um novo olhar sobre a sociedade multiétnica ocidental, destruindo mitos e falácias culturais e expondo preconceitos há muito enraizados.

«Um romance revolucionário.»

PUBLISHERS WEEKLY

«Se ainda não conhece a obra de Bernardine Evaristo, deveria.»




THE GUARDIAN

«Bernardine Evaristo é capaz de pegar em qualquer história de qualquer época e transformá-la em algo repleto de vida.»

ALI SMITH



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789896234621



9 789896 234621 >